



A SIGNIFICAÇÃO DA INFÂNCIA NA PERIFERIA: UM ESTUDO SOBRE CONCEITUAÇÕES DE INFÂNCIA A PARTIR DAS PRÓPRIAS CRIANÇAS

COELHO, Carla Teixeira.¹; MEDEIROS, Rita de Cássia Tavares.²

*1. Estudante do curso de Especialização em Educação Infantil email– carlacoelhobr@hotmail.com
FaE/UFPeI; Orientadora e professora da FaE/UFPeI/GPCIEI -redefreinet@hotmail.com*

1. Introdução

Meu vínculo com a temática está relacionado com minha vida pessoal e profissional, como professora de uma escola municipal localizada num bairro popular de Pelotas. A pesquisa que estou realizando trata-se de uma investigação com vinte e cinco crianças (dezessete meninas e oito meninos) de uma turma de 4ª série do Ensino Fundamental em que atuo neste ano de 2009.

Investigar sobre como são significadas as infâncias pelas próprias crianças, em meio às realidades vividas por cada uma delas. Ainda que façam parte de uma mesma camada sócio-econômica e partilhem um mesmo ambiente social, conseguem, de forma diferenciada, caracterizar os modos de viver a infância. Infância que assume modos de ser criança muito distintos e desiguais, com diferentes oportunidades, valores, culturas e contextos em que se constroem, como nos afirma RUA (apud Sarmiento, 2007) Uma das motivações que justificam a realização desta pesquisa, é o fato de querer me aproximar da vida das crianças com as quais convivo diariamente, buscando compreender a maneira como concebem sua condição infantil e seu estar no mundo.

Escolhi esse grupo de crianças, por se tratar da turma de quarta série com a qual trabalho. Optei por trabalhar com crianças, entre 9 e 14 anos pelo “[...] fato de poderem se debruçar sobre um passado já experimentado para organizarem suas visões sobre a infância” (FISCHER, 2005, p.1).

Os objetivos da pesquisa têm se concentrado em: - Pesquisar sobre a significação da infância na periferia a partir da visão das próprias crianças; - Buscar compreender e conceituar, junto às crianças, suas próprias infâncias; - Analisar os dados da trama discursiva a respeito do “lugar-comum” com que a sociedade percebe o espaço social da periferia e sobre as crianças das classes populares; - Proporcionar, no decorrer da pesquisa, momentos de descobertas e modos de expressar o “ser” criança e as infâncias.

2. Material e métodos:

A pesquisa de caráter qualitativo iniciou em março de 2009, sendo incorporada ao trabalho pedagógico estabelecido com as crianças. Abrimos espaço na rotina para a realização da pesquisa. São elas: 1) “Meu dia é assim...”: ensaio escrito onde deveriam colocar o que fazem durante a semana, nos turnos manhã, tarde e noite. 2) Trajeto casa-escola: as crianças desenharam o trajeto que percorrem de casa até a escola. 3) Apresentação: os alunos deveriam se apresentar para os meus professores, falando um pouco de si. A opção pela forma de se apresentar era livre, porém todas usaram a escrita e o desenho. A maioria das crianças optou por descrever suas qualidades e/ou defeitos, suas preferências (o que mais gostam de fazer, comer, brincar).

Para analisar e compreender os instrumentos utilizados, delimito as seguintes questões:

- Que infâncias são essas?
- O que as crianças pensam sobre sua condição infantil, suas próprias infâncias e seu “estar” no mundo?
- O que as crianças relatam? Como agem, brincam e se expressam?
- De que maneira as crianças destacam o brincar, a escola e a família em seus relatos? Quais são os lugares/espacos indicados por elas como possíveis de experimentar o exercício de ser criança?
- Como as crianças (re)significam suas infâncias?

No que diz respeito à pesquisa com crianças, percebe-se que entre as ciências da educação, no âmbito da sociologia, há ainda resistência em aceitar o testemunho infantil como fonte de pesquisa confiável e respeitável. Entretanto, pouco se conhece sobre as culturas infantis porque pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças, e quando isso ocorre, a “fala” apresenta-se à margem das interpretações e análises dos pesquisadores (QUINTEIRO, 2005). A autora enfatiza ainda a importância do processo de recolha da voz das crianças, e discute a análise desses dados do ponto de vista da interpretação e problematização à luz dos referenciais existentes no campo das ciências sociais.

Os desenhos das crianças, como instrumentos metodológicos para a pesquisa, estão sendo utilizados porque são compreendidos como “reveladores de olhares e concepções dos pequenos sobre seu contexto social, histórico e cultural, pensados, vividos, desejados” (GOBBI, 2005, p.21). Eles permitem conhecer os entornos sociais, culturais e familiares das crianças, no sentido de afirmá-las como portadoras e criadoras de cultura, sujeitos de sua história e cujas produções devem ser conhecidas, valorizadas, respeitadas. Trata-se de conhecer as realidades sociais a partir de seus próprios olhares, na tentativa de ampliar o conhecimento que se têm das crianças a partir de si mesmas. “O desenho é um instrumento importante que, ao ser conjugado à oralidade, veicula informações sobre como as crianças estão concebendo o contexto histórico e social no qual estão inseridas” (GOBBI, 2005, p.23).

3. Resultados e discussão:

A primeira atividade permitiu que fosse possível uma melhor compreensão do dia-a-dia das crianças, o que fazem fora da escola e nos finais de semana, quais são as atividades de lazer e com quem convivem diariamente. Nos desenhos das crianças foi

possível identificar alguns aspectos importantes, como a localização da casa – longe/próxima – à escola, de que maneira os alunos vêm para a escola, quais são os companheiros (família, amigos), e também sobre os lugares mais lembrados pelas crianças no próprio bairro, como posto de saúde, escola, igreja, pracinha.

Sobre a terceira atividade, as apresentações serviram para revelar sobre a intimidade de cada criança, seus gostos e preferências, mostrados pelo desenho e pela escrita.

4. Conclusões:

Com base nos achados acima apresentados, darei continuidade à pesquisa a partir da análise mais ampla dos materiais coletados, levando em conta o fato de que “as crianças são dignas de serem estudadas pelo que são e por seus próprios méritos” (QVORTRUP, 1999), e também, para compreender a dimensão que a infância ocupa atualmente. “A ocorrência dessas transformações só foi possível porque também se modificaram na sociedade as maneiras de se pensar o que é ser criança e a importância que foi dada ao momento específico da infância”. (BUJES, 2001, p. 13).

5. Referências:

- BUJES, Maria Isabel. Escola infantil: pra que te quero?. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis (orgs.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FIGUEIREDO, Márcio. **A corporeidade na escola: brincadeiras, jogos e desenhos.** 4ª ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2006.
- FISCHER, Cristina. **A visão da infância no mundo contemporâneo: um estudo sobre conceituações de infância a partir das próprias crianças.** Artigo de Especialização – Núcleo Infância, Cultura e Educação Infantil (FaE/UFPel). Pelotas: s/d.
- GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: FARIA, Ana; DEMARTINI, Zeila; PRADO, Patricia. (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisas com crianças.** Campinas: Autores Associados, 2002.
- KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel.(orgs.). **Infância: fios e desafios da pesquisa.** Campinas: Papirus, 1996.
- MARTINS FILHO, Altino J. **Infância plural: crianças do nosso tempo.** Porto Alegre: Mediação, 2006.
- QUINTEIRO, Jucirema. Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: FARIA, A.; DEMARTINI, Z.; PRADO, P. (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças.** Campinas: Autores Associados, 2002.
- SARMENTO, M.; VASCONCELLOS, V. (orgs.). **Infância (in)visível.** São Paulo: Junqueira&Marin, 2007.